



CORPO DE DELITO

Branco

Como evitar o medo, a sensação de pequenez, o desamparo? Como evitar o desejo de ter uma mão ao alcance? Como não desejar, e como resistir, ao branco?



Rui Patrício

À medida que os anos passam cresce nele a certeza de que todos precisam de fé, sobretudo os que a não têm. É esse o seu caso. Não que o sinta sempre, mas aquela certeza e aquela falta estão lá, mesmo que intelectualmente as desdenhe. E, de tempos a tempos, elas impõem-se e tomam conta dele, estendendo-se um manto branco (a cor da ausência, mas também da paz). Por exemplo, agora. Há tragédias maiores e ameaças mais incandescentes, mas agora, enquanto, na sala de espera do médico, vê na televisão o desfile das imagens das feridas deixadas pelo Sandy na costa leste dos EUA (em especial nos lugares de Nova Iorque que lhe são familiares), regressa-lhe o desejo de fé. Perante estas súbitas fúrias da natureza, nasce ou cresce esse desejo, mesmo que se

saiba ou pressinta que os que a têm não evitam o medo, a sensação de pequenez ou o desamparo perante as possíveis brincadeiras dos deuses. Mas é um medo menos cru, é uma sensação de pequenez com algum aconchego, é um desamparo com uma mão ao alcance. Isto imagina ele, porque quem deseja a fé, e a não tem, apenas pode imaginar; não sabe realmente como é, apenas como gostaria que fosse.

Tal como imagina o que sentiria se estivesse agora em Nova Iorque, e não apenas a ver as imagens na televisão. Possivelmente, sentiria e desejaria o mesmo que há cerca de dois anos, quando, logo após o Natal, se abateu sobre aquela cidade o maior nevão da sua história recente. Há tragédias maiores, mas nesse dia regressou-lhe o desejo de fé; talvez por isso, por haver tragédias maiores, ou menos belas. De manhã, serenado o céu, saiu do hotel na Rua 56 e dirigiu-se à 6.^a Avenida, e esta era apenas um vasto campo de neve, branco e quieto, entre arranha-céus. O que na véspera era uma avenida, no dia seguinte não tinha um automóvel, não tinha vida, o asfalto jazia sob um metro de neve. Mais acima, em Central Park, a neve quase lhe chegava à cintura. Nes-

se dia não houve cidade, a Grande Maçã fez-se branca e quieta, nos dias seguintes fez-se caótica, e quando o ano velho partiu ainda não estava refeita. Como evitar o desejo de fé?

Ou como evitá-lo também, uns anos antes, quando fumava, tranquilo, junto às Torres Petronas (monumento ao suposto poder dos homens) e a noite de Kuala Lumpur foi riscada por um alerta de tsunami, e a imaginação só conseguia ver o branco (revolto) da possível espuma do mar? Ou quando, no deserto do Sul da Tunísia, o jipe seguia um trilho que, subitamente, desapareceu sob uma tempestade de areia, e tudo se tornou igual, tudo branco (sujo)? Ou agora, na sala de espera do médico, como evitá-lo? Sobretudo aqui, onde se espera o veredicto que a bata branca trará, que pode ser – ou não – a notícia de que a natureza lhe pregou uma partida, submetendo-o, não a uma fúria vinda de fora, mas a uma fúria de dentro, pondo ou apressando nele o germe da destruição. Como evitar o medo, a sensação de pequenez, o desamparo? Como evitar o desejo de ter uma mão ao alcance? Como não desejar, e como resistir, ao branco?

Advogado. Escreve ao sábado



Perante o desamparo, o desejo de uma fé reconfortante